DEP. LEG.

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: *Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9$50; Provincia, 3 meses 28$50; Africa Portuguesa, 6 meses 66$00; Estrangeiro, 6 meses 102$00.*
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2327 | DIÁRIO DA MANHÃ | PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA | SÁBADO, 3 DE JULHO DE 1926

PROBLEMA INSOLUVEL

A vida continua a subir de preço enquanto o govêrno Gomes da Costa mantem a patranha do seu barateamento

Os organizadores de todos os movimentos revolucionários para conseguirem o triunfo dos seus designios habituaram-se a agitar a tecla da carestia da vida.

A população oprimida pelo viver actual aceita de bom grado a mudança de dirigentes, lançando-se, por êsse motivo na, obra da revolução, que é para ela a obra da sua melhoria económica.

Vem, porém, o reverso da medalha e a população reconhece o ludibrio em que caiu: a vida em lugar de decrescer no seu custo aumenta de dia para dia.

Foi assim e será assim enquanto os promotores das revoluções accionarem dentro de um prisma com o qual não se compadece a situação económica dos que trabalham.

Assim sucedeu com a situação de Sidónio Pais, assim sucedeu com as posteriores situações.

Sidónio Pais prometeu à população que a vida embarateceria se triunfasse a sua revolução.

E o povo, crente de que o assassinado da estação do Rossio cumpriria com a sua promessa, entregou-se denodadamente à obra de Sidónio Pais, que êsse mesmo povo considerava a sua grande obra.

Sidónio Pais triunfou e o povo verificou que o professor de matemática não poude cumprir a sua promessa. A solução do problema carestia da vida não se encontra na mudança de dirigentes. As suas causas são de natureza sociológica e enquanto elas persistirem, persistirão os seus efeitos.

Com a revolução Gomes da Costa—que passe o designativo—sucedeu outro tanto.

O chefe do C. E. P. quando em Braga comandava a 8.ª divisão e em Lisboa se acreditava na sua derrota, fez anunciar que uma das cláusulas do seu programa era o barateamento da vida, porque o povo não podia nem devia pagar mais...

Veiu o triunfo dessa revolução e o custo da vida longe de se manter estacionário começou a elevar-se.

Se o operário quizer adquirir por menor preço qualquer género tem que calcurriar a cidade e preguntar de estabelecimento em estabelecimento o seu prêço.

A-pesar-do tabelamento do preço dos géneros, êsses preços variam de casa para casa. Nuns estabelecimentos as batatas custam a 50 centavos o quilo, noutros a 60 e 70 centavos. As cebolas só se adquirem numas casa a 2$00 o quilo e noutras a 2$20. O azeite, que em algumas casas não difere de óleo lubifricador, custa a 5$50 o litro e noutras a 6$00.

Com os outros géneros sucede o mesmo. A ascenção do seu preço é progressiva e continua sendo difícil estabelecer um equilibrio para fazer face ao custo da vida.

Todavia as medidas governamentais não se fazem sentir. O govêrno tem mais em que pensar. O custo da vida é uma ninharia em relação aos problemas que de momento têm que resolver para consolidação da sua situação política.

E por assim pensarem os mercieiros e todos os exploradores da miséria humana gosam desta situação como seus principais triunfadores.

Os jornais afectos à situação falhos de lógica e de inteligência lançam mãos de todos os recursos.

Ainda ontam as seráficas *Novidades* diziam que em Itália, para meter na ordem o proprietário do restaurante de uma gare, que vendia mais caro uma refeição, a autoridade mandou encerrar aquele estabelecimento.

Não nos parece que a medida de um ditador seja a mais convincente para o problema. O problema da carestia da vida não se resolve com golpes de fôrça; resolve-se com medidas de inteligência e medidas que se harmonizem com as necessidades da população.

Do que aproveita o povo com o encerramento de um estabelecimento se os outros continuam vendendo os géneros por preços inacessiveis à bolsa do consumidor?

As revoluções servirão, a despeito do grande desejo dos seus organizadores, para encorajar os mercieiros na sua obra de esterminio, naquela obra que é causa da tragédia vivida pela população.

A MORAL DELES

Importantes revelações feitas à "Batalha" sôbre os escândalos do director do Depósito Central de Fardamentos

O Depósito Central de Fardamentos volta a estar em foco. As irregularidades do seu director, o tenente-coronel Alberto da Silveira Lemos, justificam plenamente o que os jornais têm dito àcêrca dos escândalos ocorridos naquele estabelecimento do Estado.

Ainda há dias, numa carta a que demos guarida nas colunas de *A Batalha*, se demonstrava que o tenente-coronel Lemos é de todos os directores do D. C. de F., aquele que mais tem lesado os interêsses daquele estabelecimento. Alguem duvidou das afirmações contidas na referida carta por serem feitas em frases bruscas, mas plenas de verdade.

Por esse motivo resolvemos ouvir alguem do pessoal do Depósito Central de Fardamentos, alguem que nos explicasse onde principiaram e onde terminam os escândalos do seu director. Por lhe estar vedado pelos regulamentos expor em público as suas opiniões, esse alguem é uma entidade anónima para o público, que aliás não tem um interêsse especial em conhecer o seu nome. Isto posto vamos às declarações do nosso entrevistado:

—*A Batalha* disse algures, numa carta assinada por um operário do Depósito Central de Fardamentos, que neste estabelecimento, em 1920, houve um desfalque de sola e cabedais na 3.ª Divisão de que foi chefe durante muitos anos o actual director. Esse desfalque não é recente. Procede de alguns anos e atingiu a brutal cifra de 15.000 quilos de sola, computada em 45 contos.

—Qual a origem dêsse desfalque?—preguntamos.

—E' sempre dificil conhecer-se, em todos os seus detalhes, a origem de um desfalque. Esses escamoteios são sempre feitos ocultamente e por processos também desconhecidos. Todavia não é necessário possuir grandes faculdades discernitivas para conciuir que o desfalque foi possível porque a sola e os cabedais, nos últimos tempos, entraram sempre sem verificação, tendo-se até dado o caso de alguma dessa sola já estar empregada em obra, quando o verificador assinava as guias.

E acrescenta:

—Por êste processo poderia o fornecedor, de combinação com o verificador, enviar 100 quilos de sola e êste acusar nas guias 10 ou 20.000 quilos.

—A sola entrou sempre sem verificação?

—Não senhor. Durante o período da guerra era a 1.ª Divisão que recebia a sola e conferia imediatamente o material entrado. A 1.ª Divisão, por sua vez, distribuía pelas outras divisões a sola correspondente. De forma que não era possivel um desfalque.

Uma breve pausa, um cigarro que se acende, uns documentos que se consultam e a entrevista prossegue:

—O material, que era rubricado pelos fieis de harmonia com o que explicamos, nunca poderia dar margem a um escamoteio. Mas o major Lemos—o actual director—a determinada altura entendeu que as guias deveriam ser assinadas por êle. E se bem o pensou, melhor o executou. O laudo dessas guias, ou para melhor explicar a parte da guia destinada à conferência, era assinada a lapis pelo major Lemos. E' dizer: só o major Lemos é que sabia o que estava no D. C. de F.

—E quais foram as conseqüências dessa obra?

—Já as expliquei: o desfalque.

—E quando êle surgiu?

—O major Lemos ordenou, para não dar nas vistas—palavras textuais—para que o desfalque, que era de 15.000 quilos de sola, figurasse no inventário apenas com a cifra de 200 quilos.

—Mas nunca se exigiram responsabilidades?

Houve um sorriso do nosso colocutor que valeu por uma declaração de que naquela casa não se exigem responsabilidades aos majores do quilate do sr. Lemos. No entauto, o nosso entrevistado informa-nos:

—Quem pagou as favas foi um pobre amanuense que gemeu na Penitenciária de Lisboa por um delito de que é unico responsável o major Lemos.

Outras importantes declarações nos fez o nosso interlocutor que a falta de espaço obriga a reservar para um outro artigo.

A ONDA NEGRA

A Igreja premedita a guerra civil

e espera que o ministro da Justiça favoreça seu tenebroso plano

A humanidade viveu muito tempo sob o duplo dominio dos guerreiros e dos frades. Estas duas classes são hoje dois anacronismos. A dos frades é uma minoria que tem batido em retirada por ser contrária ao progresso social: a dos guerreiros tem visto bastante diminuída a sua importância e a tendência da civilização permite vislumbrar-nos um futuro em que ela não exista. Pode mesmo dizer-se que o progresso faz-se fóra delas e contra elas.

Ambas têm a mesma tradição e ambas são por isso mesmo, no fundo, um pouco solidárias entre si. Por isso nos não admira a infiltração que o clericalismo tem intentado, e com êxito, junto dos transitórios mentores desta transitória situação que supõe suprir a falta de ideas com a abundancia de espadas.

Esta situação é um zero rodeado de canhões. As sotainas apercebendo-se disso urdiram rápidamente o plano de a empalmar, tentando realizar, na hora confusa que passa, um ensaio de teocracia. Os manejos feitos, nesse sentido, já há muito que se desenharam e em contornos bem definidos. A igreja quere realizar neste «petit pays rien du tout» uma experiência tendente a colocar-nos ao nivel dos costumes da idade média.

Nessa época o ensino estava nas mãos dos frades. A liberdade de ensino religioso representa uma regressão de que foi um indício claro a famosa tese «Lourdes e a medicina», aprovada na Universidade de Coimbra. Mas outros indícios existem: os catolicos conseguiram infiltrar-se em todos os estabelecimentos de ensino do Estado e na quási totalidade das escolas particulares; conseguiram até fundar escolas rigidamente congreganistas em vários pontos do país, merecendo salientar-se pela sua importância, pela sua audácia e pela sua nocividade as existentes na Beira Baixa, as da Congregação de Fátima em Lisboa, Cintra; Santarém, Carcavelos e ainda os famosos colegios das Doroteias dirigidos por jesuítas e a êles pertencentes. Existem ainda colegios particulares tendo como unicos proprietarios e professores padres que pululam nas cidades mais importantes do país, devido à benevolência dos inspectores do ministério da instrução.

Uma grande parte do ensino já está há muito nas mãos dos católicos — e assim se explica o reaccionarismo de muitos jóvens de ambos os sexos que tiram o chapéu ostensivamente diante dos templos — ridícula exibição só própria de fanáticos e de aparvalhados, que muitos católicos idosos não praticam. A actual geração vem na sua maioria com o espírito fradesco, que se assinala principalmente na maioria dos alunos das escolas superiores.

A liberdade de ensino religioso que consiste fundamentalmente na substituição das leis scientificas da pedagógia pelos preceitos místicos da teologia, ser promulgada pelo católico dr. sr. Manuel Rodrigues Júnior, vem simplesmente alargar o âmbito de fanatização religiosa. O reconhecimento de capacidade jurídica da Igreja esbulha os fiéis, arrancando-lhes o direito de administrarem os bens com que contribuem para a manutenção do exército de parasitas que a Roma chefia e a Roma obedecem.

A Igreja regressa à sua antiga e ignominiosa função de caçadora de heranças e dentro em pouco tornar-se-há a detentora duma grande parte do comércio, da indústria e da agricultura. Fanatizando as multidões converte-as em escravas — e a Igreja tem sido menos escrupulosa neste capítulo do que um consumado negreiro.

* * *

A execução dêste plano é a guerra civil, violenta, feroz, sanguinária, devastadora num futuro próximo. O ministro da Justiça prestar-se-há a executar o diabólico plano da Companhia de Jesus? Se o fizer que lhe agradeçam as mulheres que àmanhã chorarão nos improvisados cemitérios a perda dos entes queridos, ceifados em holocausto à maior inimiga da vida.

ASSINEM

Os Mistérios do Povo

NOTAS & COMENTARIOS

«Renovação»

Com o fecho do primeiro ano da sua publicação, suspendeu a Renovação, *revista de horizontes sociais editada pela nossa secção editorial. A necessidade de tornar mais desenvolvida e interessante esta revista, dando-lhe carácter mais moderno e, porventura, mais cultural e artístico, forçou-nos a pensar numa larga remodelação de todos os serviços gráficos e redactoriais. Essa remodelação, conforme se verificou logo que tentou efectuar, era embaraçada pela própria e regular publicação da revista. A melhor solução, ante os nossos desejos, foi a suspensão temporária, procurando-se, embora, que essa suspensão fôsse tão curta quanto o permitissem os trabalhos de remodelação. Do facto damos conhecimento aos leitores e assinantes da revista, que, aliás, nenhum prejuizo material sofrem, visto que a* Renovação *suspendeu sem deixar incompletas a colecção e a duração das assinaturas.*

Perseguição ou vingança pessoal?

No passado dia 19, a policia da esquadra do Rato passou uma rigorosa busca à residência do sr. José Joaquim da Costa Azevedo, 1.º oficial da 10.ª Repartição de Contabilidade e conhecido revolucionário civil. Ninguém, incluindo os próprios agentes da busca, conhecia as razões de tão estranho caso, passado exactamente num momento em que se cantava a lôa da pacificação da família portuguesa. Ontem o caso voltou a repetir-se. A' casa do sr. Azevedo foi às 7 horas passada uma rigorosa busca, não ficando nada por vasculhar. Como só a esta residência a policia se dirige uma pregunta nos sugere: não será o sr. Azevedo vítima do ódio pessoal de qualquer cavalheiro que está senhor da situação?

Sem rei...

Da Revolução Nacional *saiu o seu director, que o oficial do exército sr. Armando Pinto Correia, que tem duas prisões e dois ferimentos, segundo êle confessou. As razões da sua saída ficarão ao cuidado dos historiadores—a-pesar de êle as ter* explicado *abundantemente em duas colunas de prosa disciplinada e vulcânica.*

A substituí-lo, com a designação de redactor principal, entrou o sr. Augusto Ferreira Gomes, «o que é—diz aquele jornal—uma garantia da nossa orientação republicana». Não há dúvida. O sr. Gomes é um republicano muito conhecido por sua família, a-pesar-de se ter batido pelo regime, na Rotunda—com farturas. *Nesse tempo era a feira de Agosto...*

"Suclalista" vingativo

O sr. Martins Santareno, «sucialista» muito conhecido pelas suas constantes calunias à organização operária e pelas suas colorosas apologias de Afonso Costa e do 14 de Maio, concedeu à Revolução Nacional *uma entrevista em que, a propósito dos Bairros Sociais, ataca, com a maior violência, o sr. José Domingues dos Santos. Repugna-nos sempre atacar ou ver atacar vencidos, ainda que adversários. E mais nos repugna o ataque do sr. Santareno porque as razões da sua atitude, indo como «sucialista» recorrer àquele jornal, são demasiado pessoais. O sr. José Domingues dos Santos justa ou injustamente, não sabemos, encerrou os Bairros, privando o sr. Santareno do seu «tacho». Daí a vingança santarena...*

Dignos um do outro...

O «órgão nacional» ataca as dactilógrafas com uma energia que encontrará, por certo, no sr. António Boto o mais carinhoso dos aplausos. São de resto os únicos que deve ter—visto neste país já se ter reconhecido, mesmo por parte dos poderes do Estado, o direito que assiste às mulheres de auferir o seu sustento à custa do seu trabalho.

E pensar que são estes negroides de alma e de ideas, atrazados um século na vida social, quem se arvorou em defensores oficiais na imprensa da actual super-enigmática situação política.

Tão bom é o órgão como a situação...

Um recurso antipático

Algumas corporações operárias, felizmente em reduzido número, sempre que os cofres dos seus organismos sindicais estão exaustos recorrem a várias festas e o seu produto vai preencher uma lacuna existente que na maioria dos casos origina a paralisia do seu movimento externo e até interno. Sempre que essas festas se harmonizem com os princípios morais porque se norteia a organização operária, de nós só contarão com franco acolhimento e rasgado aplauso. Quando, porém, assim se não proceder desta folha partirá o grito de reprovação com a mesma autoridade com que se reprovam os maus actos dos nossos inimigos. Está neste caso um grupo de «chauffeurs» que anteontem promoveu, em Algés, uma tourada em favor do cofre da sua associação de classe. Por maior que possa ser a justificação do acto desses «chauffeurs» nunca da nossa parte poderia partir um aplauso a uma tourada. Cremos que o cofre da aludida associação esteja depauperado, mas isso não nos convence que só aquele género de espectaculo o podesse reabilitar. Há dentro das nossas concepções artisticas muito por onde escolher, sem descermos à realização de um espectaculo bárbaro que belisca os nossos sentimentos humanos. Por todos esses motivos, o gesto do grupo de «chauffeurs» que promoveu há dias em Algés essa selvagem exibição que se chama tourada, só merece de nós uma formal condenação, de nós e de todos aqueles que da vida têm uma exacta noção.

Protestamos!

A «Revolução Nacional» é um jornal que defende a actual situação, é mesmo o seu órgão oficial. Desempenha por isso na imprensa um papel bastante antipático, pois até hoje ainda não publicou uma linha contra a censura, antes a defende e aplaude com calor e vibração.

Pois a «Revolução Nacional» foi ontem apreendida — tornando-se assim vítima da situação de que é órgão oficial e das próprias ideas repressivas da liberdade de imprensa que entusiásticamente aplaude.

A-pesar-disso não deixamos de protestar contra a violência que a atingiu—e de protestar com indignada energia. Coerentes com os nossos principios de liberdade, de liberdade para nós e para todos os jornais, protestamos. E quem entendesse que não devemos tomar esta atitude, por se tratar dum jornal que defende a censura, revelar-se-ia um refinado jesuita e desejaria que a nossa moral descesse ao nivel da dos que combatem a liberdade de imprensa.

O "raid" aéreo Inglaterra-Australia

ATENAS, 2.—O aviador inglês Cobham, que está realizando um vôo da Inglaterra à Austráiia, chegou ontem à noite ao aeredromo de Phaleron, devendo continuar o vôo esta manhã.—H.

EM INGLATERRA

Uma opinião de Baldwin sôbre o conflito mineiro

LONDRES, 2.— O sr. Baldwin declarou ontem que a melhor forma de resolver a crise mineira do carvão seria o reatamento de negociações entre as duas partes em litígio, e que a federação dos mineiros está ainda a tempo de aceitar o relatório da comissão oficial, que realmente pode satisfazer as duas partes.—(L.)

Uma condenação iniqua

LONDRES, 2— Os oito mineiros de carvão que originaram o descarrilamento dum combóio-expresso durante a recente greve geral, foram condenados pelo tribunal de Newcastle a 4 e 8 anos de trabalhos forçados.—(L.)

Foi prorrogado por um mês o estado de sitio

LONDRES, 2.—A moção governamental prorrogando por um mês o estado de circunstâncias excepcionais, foi aprovada nos Comuns por 240 contra 82 votos. O sr. Churchill, ministro das Finanças, respondeu vigorosamente à emenda trabalhista, a qual lamentava a política seguida pelos conselheiros do rei, que «tem sido um impedimento à manutenção e restauração da paz na indústria mineira.»

O ministro disse que a emenda deveria ser considerada como um voto de censura, mas justificada se merecida.

O sr. Churchill recordou a greve de 1924, na qual Lloyd George empregou todo o seu prestígio, toda a sua arte e experiência para conseguir a terminação do conflito, decorrendo 13 semanas até ser concedido o subsídio de 10 milhões que solucionou a greve.

Ninguém deseja mais a regulamentação do conflito que o primeiro ministro e todo o govêrno, mas os *leaders* mineiros não alteraram a sua posição, vendo-se o govêrno na necessidade de tomar medidas que deem certa elasticidade às negociações, adoptando o dia de oito horas de trabalho e a publicação da escala de salários estabelecida entre as duas partes.—(L.)

PUDERA...

PARIS, 2. — O «Matin» diz que, em virtude da intransigência dos russos, os resultados da conferência franco-soviética tem sido, até agora, quási nulos.—H.

EM FRANÇA

Inaugurou os seus trabalhos o Congresso Higiénico

PARIS, 2.—O congresso higiénico inaugurou hoje os seus trabalhos, sob a presidência do sr. Doumer, estando representados numerosos estados europeus e americanos.

O sr. Darwin, que representa a Inglaterra, tratará especialmente do exame prenupcial nos casamentos con-sanguíneos—L.

Vaga que se aproxima

PARIS. 2.—Em virtude das câmaras ainda não terem discutido o aumento de vencimentos do pessoal telegrafo-postal, êste mostra-se muito agitado, tencionando manifestar-se de forma a tornar-se lembrado ao parlamento.—L.

Um exemplo a seguir

PARIS, 2.—Em vários pontos da França têm ocorrido sérios incidentes em virtude de alguns padeiros elevarem o custo do pão a preço superior ao estipulado pelos prefeitos.—L.

Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esfôrço dispendido por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, «A Batalha» carece de muitas e grandes dedicações que de tôda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o élo que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informes, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registo.

Capitalismo entendido

CIDADE DO CABO, 2.—Os negociadores portugueses e sul-africanos, encarregados da solução do problema da delimitação da fronteira de Angola, assinaram o acôrdo relativo ao desenvolvimento da fôrça hidráulica das quedas do Ruacana, pela utilisação das águas do rio Cunene. O comunicado oficial diz que as conferências decorreram numa atmosfera amigável, o que constitui um bom augúrio para as relações futuras entre os dois países. Os delegados portugueses partem hoje para Portugal —(H.)